

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, ACADEMIA E SOCIEDADE: CAMINHOS PARA UM DESENVOLVIMENTO COLABORATIVO (RESENHA DO LIVRO NEW DIRECTIONS FOR UNIVERSITY MUSEUMS)

DOI:

Livia Morais Nóbrega
 Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Arquitetura e Urbanismo,
 Pernambuco - Brasil
 livia.nobrega@ufpe.br
<http://orcid.org/0000-0001-9950-1523>

Publicado em dezembro de 2023, *New Directions for University Museums* busca, segundo seu editor, Brad King¹, “estabelecer a centralidade dos museus universitários para as missões de suas instituições anfitriãs [...] e destacar seu potencial e promessa nas áreas específicas de prática onde estão liderando o campo dos museus ou onde podem potencialmente liderar” (p. 6, tradução nossa). Com base em evidências trazidas pelos autores, em sua maioria profissionais com funções em museus ao redor do mundo, o livro, publicado em língua inglesa pela editora estadunidense Rowman & Littlefield, explora tendências recentes e antecipa possibilidades futuras para os museus universitários, categoria particular de museu.

Sobre tendências, destaca-se a sua crescente retomada de importância, após uma crise nos anos 1970 e 1980, quando gestores universitários viam estes museus como entidades dispendiosas e que pouco contribuíam para a missão acadêmica. Hoje entende-se que estes são relevantes não apenas para as suas instituições de origem, mas para as comunidades nas quais se inserem. Com relação às possibilidades futuras, ressalta-se o imperativo moral destes museus de facilitar e liderar mudanças culturais positivas. Por fazerem parte de ambientes relativamente autônomos e supostamente abertos ao debate, tópicos difíceis, sobretudo aqueles relacionados à justiça social (como repatriação, descolonização, diversidade, igualdade e inclusão), podem ser abordados com baixo risco para a instituição, assunto tratado na Parte IV do livro.

Para além da referida Parte IV, O Museu Universitário em um Mundo em Mudança, o livro estrutura-se em: O Contexto Institucional (Parte I), que explora as transformações em curso e as mudanças de posicionamento destes em relação às estruturas institucionais; A Missão Acadêmica (Parte II), cujo foco é analisar as crescentes contribuições dos museus universitários para a



1 PhD em história, atuante no planejamento de exposições e na consultoria de gestão de museus desde os anos 1990 e coeditor do livro *The Manual of Museum Learning* (2 ed., 2016).

missão acadêmica, particularmente para as atividades de pesquisa e ensino; e O Museu Universitário na Comunidade (Parte III), que traça o alcance social destes museus e o engajamento das comunidades vizinhas. As partes são introduzidas por textos do editor que sintetiza e aponta relações entre os capítulos. Contudo, diferentemente de outros compêndios, os autores não fazem menção direta aos temas discutidos pelos colegas nos outros capítulos, o que pode requerer um maior esforço do leitor em extrair as novas direções dos museus universitários que a publicação sugere.

Ao longo dos capítulos, e considerando a biografia e origem de seus autores (de oito países e cinco continentes, em sua maioria do norte global, disponível no fim do livro), fica evidente que a maioria são líderes e gestores de unidades, aparentemente bem estruturadas, também a principal audiência da publicação. Contudo, o amplo espectro de assuntos, dados, ideias, exemplos, referências, e, sobretudo, a contextualização social destes museus que a publicação traça, a torna interessante para todos aqueles que se interessam por este objeto.

Ainda que as partes possuam temas e objetivos claros, é possível traçar alguns debates transversais, tais como: as experiências e lições extraídas da pandemia de COVID-19, as questões éticas acerca da formação de coleções, a urgência de introduzir uma perspectiva decolonial na filosofia e prática destas instituições, o seu potencial como *hubs* de atividades de ensino e pesquisa e o seu papel catalizador de mudanças na universidade e comunidades.

Em maior ou menor medida, estes temas estão presentes ao longo de toda a publicação. A questão das coleções, ponto de partida de todo museu, é discutida no capítulo 1 por Andrew Simpson, que sugere entender estes museus e suas universidades não enquanto duas organizações distintas sobrepostas, como acontece em muitos casos, mas “como uma academia voltada para fora, integrada em uma academia” (p. 15, tradução nossa). Ao traçar um panorama histórico de como essas coleções surgiram e serviram à universidade, ainda no século XVII, bem como perderam importância, o autor propõe enxergar as coleções como uma tecnologia que pode agregar valor e desempenhar um importante papel para a universidade, sobretudo para atividades de extensão. Valeda Dent, no capítulo 2, aprofunda essa discussão sobre o valor que os museus universitários podem agregar às instituições em cinco pontos: capital social; poder e mudança; ensino e aprendizagem na primeira infância; aprimoramento da justiça social; equidade e parcerias. Além de iniciativas e oportunidades a partir das quais os museus universitários podem reforçar o seu valor junto à academia e fora dela, Dent também destaca o que acontece quando estes aspectos são ignorados por falta de alinhamento entre as entidades.

O capítulo 3, de Jason R. Cryan, trata especificamente do alinhamento de objetivos estratégicos a partir de três modelos de associação entre museus e IES: *não-associados* (colaboram informalmente com universidades), *associados* (mantém parcerias formais com uma ou mais universidades) e *integrados* (unidades administrativas de uma universidade-mãe). Nos associados, a presença da organização é contínua, por meio de programas

educacionais ou utilizando o museu como um laboratório de pesquisa, e curadores e pesquisadores ocupam cargos na universidade. E nos integrados curadores e pesquisadores são servidores estáveis da universidade, reforçando o papel destes como a face pública da universidade. Enquanto os não-associados, “têm a menor restrição em sua visão estratégica institucional” (p. 46, tradução nossa), os integrados têm “objetivos institucionais em alinhamento estratégico com a visão e os objetivos de sua universidade” (p. 47, tradução nossa). Por meio do Natural History Museum of Utah (NHMU), “maior museu de ciências naturais e culturais do Intermountain West dos Estados Unidos” (p. 47, tradução nossa), da Universidade de Utah, Cryan descreve como este se alinha com a universidade. Reconhecendo que nenhum modelo é superior a outro, ele destaca que os museus integrados, caso dos museus universitários, “trabalham em prol de metas que ajudam a avançar as prioridades de suas universidades, e, ao fazer isso, contribuem para pesquisas, educação e oportunidades de engajamento mais impactantes” (p. 51, tradução nossa).

Estratégias para um museu universitário manter-se relevante para a sua instituição são discutidas por Charlie Walter no capítulo 4. Enquanto consultor de uma fundação que investia em museus, Walter recebe uma ligação do diretor do museu informando que este seria fechado, situação pela qual muitos museus passam. O autor sugere ter em mente a questão “Quem se importaria se seu museu fosse ameaçado de fechamento?” (p. 63, tradução nossa) para focar em manter o museu relevante para a universidade e comunidade, e relata ações exitosas enquanto diretor do Mayborn Museum de história e cultura natural da Baylor University: conectar pesquisas da universidade com o público; abrigar eventos de diversas naturezas, alguns sem relação direta com o museu, mas alinhados com a missão da universidade; disponibilizar espaços de trabalho e atividades para os departamentos; promover oportunidades de interação dos estudantes com as coleções; formar parcerias com prefeituras, bibliotecas, associações e institutos, agregando valor aos parceiros e trazendo as experiências destes para o museu.

Encerrando a Parte I, Brad Buckley discute questões políticas que atravessam museus de arte, mas que podem ser estendidas “para diretores e curadores de museus universitários, uma vez que, em muitos casos, estes lutam para serem vistos como relevantes pelos ‘contadores de feijão’ [burocratas] da sua universidade” (p. 75, tradução nossa). Ao traçar a gênese do museu de arte, que é a mesma do museu universitário, o autor levanta problemáticas relacionadas ao colecionismo, que envolvem o roubo material e simbólico das histórias de outros povos. As fricções morais e éticas nas relações entre patronos, patrocínios e artistas, frequentes na arte contemporânea, também são discutidas, uma vez que esse período é o foco de muitos museus universitários. Por fim, o autor abre um debate sobre o lugar dos artistas e curadores, se nos bastidores ou no centro do palco do mundo da arte e de seus públicos, uma vez que isso também entra na complexa disputa por destaque e discrição perante a imagem e missão das instituições.

A parte II do livro, sobre o impacto dos museus universitários na missão acadêmica, tem início com a discussão de Gil Nelson e Elizabeth Ellwood (capítulo 6) sobre a

difusão por meio de ferramentas digitais, com base nas iniciativas do Florida Museum of Natural History (FLMNH), da University of Florida, particularmente o iDigBio (plataforma que disponibiliza em formato eletrônico dados e imagens de milhões de espécimes biológicos). Enfatizando o poder multiplicador das pesquisas possibilitadas pela plataforma, a discussão aponta o potencial destas iniciativas para: promover a pesquisa em museus, em geral, e a internacionalização, em específico; atrair mais entusiastas em museus, bem como outras audiências; revisar os sistemas de classificação e reinterpretar dados existentes, extraindo novos conhecimentos a partir deles.

Ainda sobre acesso à informação, desta vez física, Roksana Filipowska discorre, no capítulo 7, sobre os benefícios que a Yale Art Gallery, da Universidade de Yale, obteve ao abrir o seu acervo para facilitar métodos pioneiros de aprendizado com base em objetos, por meio de parcerias com o Margaret and Angus Wurtele Study Center. Através da descrição de cursos que utilizaram o acervo de mais de quarenta e dois mil objetos, muitos impregnados de incômodos sobre a relação do museu com o colonialismo e o imperialismo, a autora ressalta a importância de contextualizar os objetos, potencializando o aprendizado de formas que não aconteceriam se estes fossem vistos isoladamente. Filipowska oferece ainda orientações para instituições que desejam abrir seus acervos para o público, como preparação do staff e adequação dos espaços.

Também sobre recepção de alunos e comunidades, Sydney Skelton Simon propõe, no capítulo 8, “uma abordagem reflexiva de acolhimento das turmas que desperte um engajamento ativo e consciente com as obras de arte” (p. 110, tradução nossa) com base no programa educativo da Yale University Art Gallery. A autora destaca os benefícios de uma recepção para preparar alunos de diversas origens para aprenderem ativamente e incentivar que retornem ao museu, com a seguinte estrutura: introdução (apresentação de educador e alunos e alinhamento de expectativas); termos de engajamento (regras de visita e cuidados com movimentos e manuseio dos objetos); e ferramentas para aprendizagem e acessibilidade (materiais necessários e rota sugerida). Simon também descreve dois casos, *Expanding Ideas of Time and Space* (com alunos de física) e *Music and Literature* (de literatura comparada), destacando como as obras e dinâmicas propostas tornaram o aprendizado produtivo e prazeroso.

A discussão da relação entre museus universitários e diferentes disciplinas é o tema do capítulo 9, de Jane Thogersen e Eve Guerry, que inicia com uma revisão de literatura sobre as particularidades dos museus universitários, a partir da experiência no Chau Chak Wing Museum (CCWM) da Universidade de Sydney. Nas pesquisas em museus universitários os limites entre disciplinas são difusos, uma vez que a prática interdisciplinar está na gênese da curadoria e gestão de coleções. Para os autores, o museu gera oportunidades de ensino e pesquisa para a universidade, assim como a academia pode se beneficiar da participação do *staff* do museu em suas publicações e atividades, balanceando estas relações a despeito da rígida hierarquia da universidade. Programas de *object-based learning* (OBL) podem “conectar disciplinas ao redor do campus e aprimorar a prática e

a capacidade de ensino dos funcionários” (p. 130, tradução nossa), uma vez que objetos são imbuídos de significados que ajudam a desenvolver análise crítica, observação profunda, raciocínio dedutivo, interpretação e resolução de problemas.

As habilidades trabalhadas no ambiente dos museus universitários são discutidas por Lloyd, Economou e Spooner no capítulo 10, no contexto da pós-graduação na Escócia e no Reino Unido, com base no programa de estudos de museus da Universidade de Glasgow. Para eles, os estudos de museus, “longe de serem muito teóricos e dissociados da prática, desenvolvem habilidades altamente relevantes às necessidades do setor, particularmente no contexto do antirracismo e da decolonialidade, da exclusão digital e da crise climática” (p. 152, tradução nossa), mas ainda precisam diversificar o corpo discente e encontrar caminhos alternativos de carreira. No programa, há uma preocupação em atender às expectativas de empregabilidade e reforçar o papel social dos alunos, “desenvolvendo o potencial dos estudantes como pensadores e fazedores críticos” (p. 140, tradução nossa). O currículo foi reformulado com foco no aprendizado ativo, prático e participativo, na resposta à virada digital no ensino superior e nos museus e na interseção dos debates sobre descolonização, tendências identificadas em 2018 e 2019 e nas experiências adquiridas durante a pandemia de COVID-19.

Abrindo a Parte III, das relações entre museus universitários e comunidade, Sara Diamond (capítulo 11) “explora as contribuições dos museus universitários para as interações entre ‘universidade e comunidade’, reportando-se ao conceito de ‘infraestrutura social’” (p. 163, tradução nossa) – ativos físicos, humanos ou virtuais de natureza social, econômica, ambiental e cultural. Com base em dados do University Museums and Collections Committee (UMAC) do International Council of Museums (ICOM), de redes e associações (como o Mapa de Museus Universitários do Brasil) e casos isolados (com 3.907 entradas até 2019), a autora demonstra o papel que estes museus desempenham para suas comunidades a partir de: eventos de extensão; apoio à formação de crianças e jovens; publicações com grupos da comunidade; exposição de alunos; acesso público às coleções; pesquisa engajada com a comunidade e acesso aos espaços físicos. Como resultados, destaca: o engajamento de idosos e jovens nas áreas de STEAM (sigla inglesa para Ciências, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática); a construção de raízes com comunidades que buscam equidade; o papel de museu de referência em várias escalas; o diálogo sobre assuntos difíceis; e a formação e engajamento de audiências.

A discussão sobre engajamento de audiências é continuada no capítulo 12, por Lisa D. White, do University of California Museum of Paleontology (UCMP). Com ênfase no alcance digital do museu, as comunidades-alvo da educação e extensão do UCMP são globais e sua tradição em disponibilizar recursos via web data dos anos 1990. Com mais de “14 mil páginas web distribuídas por mais de uma dúzia de sites distintos, o UMCP tem uma longa história de alcance de amplas e diversas audiências” (p. 192, tradução nossa). Os programas educativos, os quais White define como um museu de pesquisa, se baseiam sobretudo nos seus recursos disponíveis na web, nas coleções digitais de fósseis

e em passeios virtuais, sempre enfatizando os valores de diversidade, equidade, inclusão e acesso que o meio digital possibilita.

O trabalho com uma audiência específica é o foco de Lilian Cameron (capítulo 13), que “examina o potencial de programas baseados em parcerias para um público específico do museu universitário: refugiados e solicitantes de asilo que chegaram ao Reino Unido nas últimas duas décadas” (p. 195, tradução nossa). Através de parcerias promovidas pelo Sainsbury Centre for Visual Arts (University of East Anglia), o Pitt Rivers Museum e o History of Science Museum (University of Oxford), Cameron discute os valores e benefícios dos programas para os participantes e a influência destes na cultura e nas práticas dos museus. Dentre os benefícios para os refugiados estão uma maior confiança com a língua inglesa e um senso de comunidade e inclusão social fortalecido. Já os museus se beneficiam das perspectivas que estes lançam sobre suas coleções. Como limitações, além de dificuldades de financiamento, destaca-se a impossibilidade de remunerar os participantes pela co-curadoria de exposições e a ausência de mecanismos dos museus para absorver o conhecimento dos participantes. As parcerias, no entanto, foram capazes de conectar universidade e comunidade, atraindo esse público para o ambiente acadêmico, o que em outras condições poderia não acontecer.

Sarah Cock e Bilyana Palankasova (capítulo 14) analisam como a pesquisa acadêmica e a produção cultural são comunicadas para o público externo, com foco em projetos da Universidade de Glasgow, e argumentam que essa comunicação amplia a acessibilidade dos projetos e os aprofunda. As atividades “para-acadêmicas” de divulgação contribuem para o engajamento público, tanto pelo formato, quanto por quem as conduz, curadores e “funcionários posicionados paralelamente ao trabalho acadêmico tradicionalmente reconhecido, devido às condições de emprego precárias” (p. 209, tradução nossa). Esses modos não convencionais de disseminação do conhecimento facilitam “o desenvolvimento de novos projetos, novas linhas de investigação ou traduções da pesquisa em recursos de ensino ou outras atividades acadêmicas, além de envolver o público com questões atuais” (p. 216, tradução nossa).

A relação entre museu universitário e comunidade é discutida no capítulo 15 por Arianne Kouri com base no projeto arquitetônico da nova sede para o Raclin Murphy Museum of Art and (RMMA) da Universidade de Notre Dame, que “acomoda uma dramática expansão das galerias públicas e espaços programáticos, incluindo áreas de exposição temporária e permanente, espaços de ensino e locais de armazenamento e processamento de coleções tão necessários” (p. 221, tradução nossa). Essa relação tem início com a escolha da localização do edifício, próxima aos departamentos artísticos e nova porta de entrada do campus. Além de historiar o surgimento e desenvolvimento do RMMA, Kouri situa a nova sede dentro da expansão do campus, que nos anos 2000 ganha um parque de esculturas junto ao qual o novo museu se fixaria. Com estética clássica baseada em outros museus históricos, o RMMA apresenta três pavimentos, eixo central com pórtico e praça de entrada e um amplo pátio que articula os espaços, organizados

“com base em princípios tradicionais de planejamento de museus” (p. 229, tradução nossa), como o átrio, que facilita a orientação dos visitantes. A fase 1 de execução inclui os espaços públicos, sobretudo galerias, enquanto a fase 2 concentra os espaços de pesquisa e “aprimora a missão acadêmica do museu com espaços adicionais para ensino, bem como escritórios administrativos e curatoriais” (p. 228, tradução nossa). A nova sede materializaria o compromisso da universidade com a arte e a educação e o desejo de conectar o museu com a comunidade por meio de uma infraestrutura social pensada para tal.

Abrindo a última parte do livro, sobre o papel dos museus universitários em um mundo em mudança, Jane Pickering (capítulo 16) caracteriza os museus universitários – locais de longa história e grandes coleções, que tendem a ao conservadorismo, mas inseridos em comunidades inovadoras – para discorrer sobre o seu potencial como laboratório de práticas museais. Alvo de investimentos recentes e com alta confiança social, mesmo no ambiente polarizado atual, estes museus ainda precisam superar suas barreiras de acesso e encarar sua origem colonial. São pioneiros em digitalização e conservação de acervos, mas precisam revisar suas coleções e práticas, processos que se viabilizam pela associação com a academia, a partir de bolsas de estudo e fomento à pesquisa. Isso os torna espaços de experimentação e aprendizado, por estarem em um ambiente progressista, que encoraja o confronto de ideias, que sofre menos pressão por uma ampla visitação, podendo assumir mais riscos.

Especificamente sobre as barreiras entre academia e sociedade, Sébastien Soubiran (capítulo 17) discute as ferramentas para “tornar o conhecimento científico mais acessível e inteligível” (p. 253, tradução nossa). Soubiran questiona a forma simplista com que muitos museus apresentam ciência para o público: como método para discernir entre verdadeiro e falso e categoria livre de contingências sociais, políticas e econômicas. Ao mesmo tempo, critica a dissociação do conhecimento científico de suas aplicações, prática que gera mal-entendidos sobre seus modos de produção. O autor defende que os museus universitários podem extrair o melhor de suas posições quanto à produção e divulgação científica, por estarem no contexto universitário. A partir de exemplos das ciências naturais, a dimensão da ciência enquanto produto cultural é enfatizada, o que facilita o debate sobre a construção social dos sistemas técnico-científicos e possibilita um novo pacto entre academia e sociedade.

Os temas emergentes da repatriação e descolonização são discutidos por Sian Tiley-Nel (capítulo 18), que faz uma revisão dos dois conceitos, no qual o debate sobre a descolonização não pode se esquivar da necessidade de repatriação, discutindo como estes atravessam diferentes disciplinas e práticas dos museus universitários e propondo uma abordagem holística destes temas por meio de uma conexão entre o ensino superior e a sociedade civil. Ao mostrar que as primeiras contestações de objetos e resquícios humanos datam ainda dos anos 1970, a autora discute casos de repatriação bem sucedidos, com os museus universitários liderando a viabilização destas ações, e enfatiza a urgência de enfrentar o assunto, que transcende a dimensão material, devendo permear o domínio

filosófico, social, cultural, econômico, legal e político do ensino superior e dos museus universitários.

A relação entre museus universitários e patrimônio indígena é discutida por Marília Xavier Cury (capítulo 19) em museus de arqueologia e etnologia ligados a grupos indígenas. Com base em dados e na sua experiência no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Cury apresenta a diversidade de grupos indígenas no Brasil, ainda não endereçada pelas políticas públicas no país, com a qual estes museus podem contribuir. O mapeamento de coleções etnográficas do Brasil, em conjunto com iniciativas governamentais dos anos 2000, foram um primeiro avanço rumo à interculturalidade destes grupos. A descrição da exposição auto-narrada “Resistência Já! Fortalecimento e União das Culturas Indígenas Kainang, Guarani Nhandewa e Terena” fornece elementos sobre como abordar a diversidade dos grupos indígenas com as quais os museus universitários têm muito a “aprender e a resetar seus modos de pensar e revisar suas práticas” (p. 294, tradução nossa).

Por fim, Emelie Chhangur discorre, no capítulo 20, sobre a responsabilidade do museu universitário em promover justiça social, a partir da sua trajetória de curadora à diretora do Agnes Etherington Art Centre da Queens University (maior museu universitário de arte do Canadá), que migrou do interesse em transformar uma instituição para a possibilidade de reimaginá-la por meio de um “ativismo infraestrutural”. A pergunta central, “como poderíamos atrair formas mais gentis de participação institucional, que resistam aos impulsos coloniais de explorar, capitalizar, extrair ou descobrir?” (p. 300, tradução nossa), é respondida com exemplos que decodificam paradigmas problemáticos, como: a dificuldade de acesso; a supremacia branca nas relações do museu universitário com as comunidades; a necessidade de diversificação das práticas; os modos *top-down* de tomada de decisão e de construção de confiança; a inadequação da arquitetura dos espaços físicos. Estes paradigmas põem desafios práticos e filosóficos para toda instituição que almeja fazer uma diferença social.

A conclusão, também de Brad King, reúne temas transversais já pontuados ao longo desta resenha e reconhece que o livro “está longe de ser um inventário abrangente de tudo o que está sendo feito ou é possível fazer” (p. 317, tradução nossa). Esse sentimento que marca o fim da publicação, de que estamos apenas começando no que se refere ao que há de ser feito e investigado no contexto dos museus universitários, junto com a boa reputação da qual desfrutam perante a sociedade e a universidade, que passa por um movimento inverso de perda de relevância e confiança, parece ser o caminho mais promissor para que estes continuem a consolidar a sua importância, no ambiente acadêmico e fora dele.

REFERÊNCIAS

KING, B. **New Directions for University Museums**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2023. E-book Kindle.